**IDENTIFICAÇÃO HISTOPATOLÓGICA DE HABRONEMOSE CUTÂNEA EM EQUINO - RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Ana Catarina Lamberg Horta** - Universidade da Amazônia (UNAMA), discente

Tito da Silva Batista - Universidade da Amazônia (UNAMA), discente

Rogerio Antonio Ribeiro Rodrigues - Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) - mestrando

Elane Guerreiro Giese, Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) - docente

Loreno da Costa Francez; Universidade da Amazônia (UNAMA) - docente

[catarinalamberg@gmail.com](mailto:catarinalamberg@gmail.com)

**Introdução:** a habronemose cutânea, também chamada de ferida de verão ou esponja, é uma dermatose nodular de cavalos causada por uma reação de hipersensibilidade às larvas de vermes gástricos dos géneros *Habronema* e *Draschia* que parasitam o estômago de equinos e asininos, tendo como espécies de maior importância a *H.muscae, H.majus, D.megastoma*. O ciclo evolutivo do Habronemose é indireto, usando como vetor alguns muscídeos, como por exemplo a *Musca doméstica,* ocorrendo quando as larvas são depositadas em locais comuns de traumatismos, como o rosto, perto da região medial dos olhos, a linha média do abdômen, nos machos em torno do pênis e prepúcio, além de lesões nas patas, anca e pescoço (SANTOS & ALESSI, 2016). A lesão se caracteriza pela intensa proliferação de um tecido granulomatoso de difícil cicatrização, tendo o seu desenvolvimento rápido podendo atingir 30 cm de diâmetro em poucos meses, sendo iniciada como pequenas pápulas com centro erodido com presença de prurido intenso que pode levar a um auto traumatismo. Quando não tratado pode evoluir para um tecido granulomatoso castanho avermelhado não cicatrizante progredindo para um tecido fibrosa e inativo. Para o diagnóstico definitivo da habronemose cutânea podem ser realizados métodos específicos como o PCR, sendo um método de boa sensibilidade e alta especificidade, permitindo a identificação do parasita, independente da fase em que este se apresente, de forma que favorece o diagnóstico precoce, evitando assim que grandes lesões deixem cicatrizes em locais que possam comprometer a qualidade de vida como a glande e jarretes. Porém o método mais usual, rápido e de baixo custo consiste no raspado de pele realizado através da escarificação superficial da lesão com uma lâmina de bisturi e depositar sobre uma lâmina de microscopia com uma gota de óleo, podendo revelar larvas de estagio 3(TRAVERSA *et al*., 2007). Pereira et al (2016) cita a coloração pelo tricrômico de masson como técnica de histoquímica bastante utilizada para evidenciar microrganismos em geral, incluindo larvas de parasitas. Segundo Silva et al (2017) o emprego da histopatologia apresenta bons resultados como meio de diagnóstico desta enfermidade, observando quantidade moderada de hemácias, fibroblastos ativados e deposição de matriz extracelular, e principalmente um acentuado infiltrado inflamatório polimorfonuclear com predomínio de eosinófilos, tecido de granulação em paliçada com eosinófilos, neutrófilos e outras células inflamatórias na periferia e agregados centrais de eosinófilos. Larvas ou remanescentes de larvas estão presentes, envolvidos por macrófagos epitelióides, células gigantes multinucleadas, eosinófilos, linfócitos e células plasmáticas. O tratamento tem como finalidade reduzir o tamanho das lesões, diminuir a inflamação e evitar reinfestação sendo utilizada a ivemectina como droga de escolha. Além disso, devem-se manter as instalações limpas, eliminar vetores, proteger baias com telas e evitar escoriações cutâneas. No Brasil os casos de habronemose cutânea são de alta incidência, pela deficiência no controle do hospedeiro intermediário e pelo pouco uso de anti-helminticos (BELLI et al., 2005). **Objetivo:** demonstrar o emprego de métodos histopatológicos no diagnóstico de habronema cutânea equina. **Métodos:** No dia 14 de agosto de 2018, foi atendida, na fazenda Andrade – na cidade de juruti-Pá, uma égua adulta, SRD, com idade de 6 anos, pesando 420 kg, apresentando uma lesão granulomatosa crônica e de difícil cicatrização próxima a 2º falange do membro posterior direito. Com objetivo terapêutico o animal foi sedado, posicionado em decúbito lateral esquerdo para melhor antissepsia local através de solução fisiológica, álcool e álcool iodado e em seguida iniciando execução da intervenção cirúrgica. Após a remoção do granuloma e cauterização local, o animal foi submetido a antibiótico terapia a base de terramicina e antiparasitário a base de doramectina, ambos por via parenteral, além de repelente e larvicida tópico. Foi separado um fragmento de 1 cm3 do granuloma e acondicionado em álcool 70% e posteriormente enviado ao Laboratório de Histologia e Embriologia Animal (LHEA) do Instituto de Saúde e Produção Animal (ISPA) da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). No dia 4 de setembro, no LHEA, foi dado início ao processamento das amostras, através da desidratação alcoólica, seguido pela clarificação, impregnação com parafina, coloração através dos corantes hematoxilina eosina; tricrômico de gomori e tricrômico de mallory com posterior montagem das lâminas e observação em microscopia de luz. **Resultados e Discussão:** Os resultados do exame histopatológico revelaram a presença de larvas ou remanescentes de larvas envoltos por um tecido granulomatoso com presença de macrófagos, células epitelioides, células gigantes e fibroblastos além de um infiltrado de polimorfos nucleares o que vem corroborar com os resultados observados por Pereira et al (2016) e Silva et al, (2017). Estes achados permitiram a confirmação da suspeita clínica baseada na anamnese e os achados sintomáticos apresentados pelo animal, porém não foi possível identificar a espécie do helminto envolvida neste caso, e para isto poderíamos lançar mão da técnica de PCR como cita Travessa et al, (2007). **Conclusão:** Após as observações histopatológicas em microscopia de luz e a identificação de larvas ou remanescentes presentes no material coletado, pode-se concluímos que a histopatologia pode ser empregada com segurança no diagnóstico da habronemose cutânea equino, contudo não nos permite a identificação precisa da espécies do helminto envolvida, necessitando de métodos mais específicos como a PCR.

**Palavras-chaves: Juruti; Habronemose; Histopatologia.**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BELLI, C.B. *et al*. Aspectos endoscópicos da Habronemose gástrica equina. **Rev. Educ. Contin. CRMV-SP**, São Paulo, v. 8, n. I, p. 13- 18,2005.

PEREIRA, A.G.; MURAKAMI, V.Y.; NASCIMENTO, M.R.; DE BARROS, J.C.; DE CARVALHO, L.L.; OLIVEIRA, E.O.; BORGES, D.G.; DA COSTA, M.L.; MAGALHÃES, L.F.; DIAS, F.G.G.; PEREIRA, L.F. Coloração de tricrômico de masson na habronemose cutânea. **Investigação,** [**15(6),** 2016](http://publicacoes.unifran.br/index.php/investigacao/issue/view/154).

SANTOS, R. L. e ALESSI, A. C. **Patologia Veterinária.** 2ᵃ Edição, Editora Roca, Pág. 168-169, 459. 2016.

SILVA, T.O.; ZULIANI, F.; INÁCIO, R.B.; MASSENO, A.P.; SOTERO, A.; ROMÃO, F.M. Habronemose cutânea equina – relato de caso. **Revista científica de medicina veterinária, J**ulho de 2017

TRAVERSA, D.*et al*. Molecular diagnosis of equid summer sores. **Vet. Parasitol.** v.150, ed. São Paulo: Varela, 2005. p.176.